

Prisão de Maduro deve ter pouco efeito no tráfico de drogas na região

À reportagem, especialistas explicam os efeitos da invasão americana à Venezuela

Por Fernanda Mena (Folhapress)

A prisão de Nicolás Maduro pelos Estados Unidos, apresentada por Washington como parte de uma ofensiva contra o crime organizado, tende a ter, no médio prazo, impacto limitado - ou nulo - sobre as atividades do Tren de Aragua (TDA), a organização criminosa venezuelana que se expandiu pela América Latina nos últimos anos.

Pesquisas sugerem que o grupo não opera como um braço do ditador deposto da Venezuela, mas ganhou força graças à colaboração de militares integrantes do regime e da omissão interessada de Maduro.

O tráfico internacional de cocaína na região se organiza hoje em uma estrutura de governança em forma de ampulheta: no centro, poucos atores concentram grande poder; nas extremidades, muitos produtores e varejistas operam com pouca influência. Esse mercado triplicou de tamanho na última década.

“O PCC é hoje um dos atores do centro dessa estrutura, que funciona como uma plataforma e controla cadeias de valor”, afirma Gabriel Feltran, diretor de pesquisas do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (CNRS) e professor do SciencesPo, que estuda a facção paulista.

A Venezuela é um dos países com maior presença do PCC na América Latina. De acordo com a pesquisa de Feltran, a organização pode fornecer a infraestrutura que permite a grupos de atuação mais restrita - como o TDA e outros “tre-



Nicolás Maduro foi preso e levado à Corte americana após invasão dos EUA à Venezuela

nes” venezuelanos - exportar cocaína a partir do país, principalmente para a Europa, segundo dados da ONU.

Segundo ele, há evidências que indicam a participação de militares venezuelanos no tráfico internacional, assim como há corrupção de agentes públicos no Brasil, América Central e mesmo na Europa.

O TDA passou de gangue local, surgida no presídio de Tócorón, no estado de Aragua, a uma organização criminosa transnacional que se espalhou pelo continente junto com os fluxos migratórios de refugiados venezuelanos, mais intensos a partir de 2018.

“Resumo o funcionamento do TDA em três princípios: concentração do poder, domínio territorial e diversificação criminal. É uma organização prisional, hierárquica e muito violenta”, afirma o criminólogo

peruano José Luiz Peres Guadalupe, autor do livro “El Tren de Aragua y la Criminalidad en América Latina”.

A exceção, diz ele, são os EUA, para onde migraram alguns integrantes que se dedicam a crimes variados, mas onde não exercem controle territorial. Países como Peru e Chile, que não tinham histórico de organizações com esse grau de violência territorial, tornaram-se terreno fértil. No Chile, a presença do TDA fez os sequestros crescerem mais de 200% em dez anos. No Peru, hoje há quase 3.000 presos venezuelanos, boa parte deles da facção.

Já em Colômbia, Brasil e México, o grupo encontrou concorrência mais estruturada e se associou a grandes organizações locais. Em todos os casos, as células de cada país funcionam como uma espécie de franquia da facção venezuelana.

A pesquisa de Guadalupe, ex-ministro do Interior do Peru e ex-presidente do instituto nacional penitenciário, indica que a facção se dedica a atividades criminais como extorsão, sequestro, microtráfico, exploração sexual de mulheres e tráfico de pessoas.

Nesse processo de estruturação e expansão do TDA, o papel do Estado venezuelano é apontado como decisivo, ainda que indireto. Políticas penitenciárias falidas, tolerância à governança criminal nas prisões e a cessão informal de territórios a grupos armados criaram as condições para a consolidação do Tren de Aragua, afirma a jornalista Ronna Riskey, autora de “El Tren de Aragua: La banda que Revolucionó el Crimen Organizado en América Latina”.

Segundo ela, o regime chavista deixou que as facções administras-

sem os presídios. “Surgiram alianças com funcionários públicos, que deixavam os criminosos agirem enquanto eles garantiam certa segurança ou redução de homicídios”, diz Ronna. “Eles movimentam as drogas, por isso é possível que algum integrante do TDA tenha sido morto nos ataques dos EUA a embarcações no Caribe. Mas o TDA não é nem dono das drogas nem das rotas.”

Por isso, a ideia de que a prisão de Maduro enfraqueceria automaticamente a facção é vista com ceticismo por especialistas. “Não há efeito sistêmico possível porque a estrutura política e militar da Venezuela está profundamente contaminada. Sem sistema democrático, promotores independentes e Judiciário funcional, não há como combater o crime organizado”, avalia Leandro Piquet Carneiro, coordenador da Escola de Segurança Multidimensional da USP.

“Existe é uma governança criminal compartilhada em que Forças Armadas, milícias e organizações criminosas se misturam. O regime sai intacto, e o Estado fica ainda mais debilitado, com o crime operando à sombra.”

Para o cientista político Benjamin Lessing, professor da Universidade de Chicago (EUA) que estuda dinâmicas do crime organizado na América Latina, o regime de Maduro permanece quase intocado, mesmo sem ele. “Isso não deve afetar muito a dinâmica regional, a não ser que o Estado da Venezuela entre em colapso e outro grupo entre no poder.”

Venezuela liberta preso político do partido de Maria Corina

O partido Vente Venezuela informou na manhã de sábado (10) que mais um preso político foi libertado em Caracas. Agora, são 10 prisioneiros soltos ao total.

O jovem político e médico Virgilio Valverde, 24, foi libertado hoje. Ele é coordenador da juventude do partido Vente Venezuela, a mesma legenda da líder de oposição María Corina Machado, também ganhadora do Nobel da Paz.

A libertação foi confirmada pelo Comitê de Direitos Humanos da legenda. “Ele nunca deveria ter estado atrás das grades”, falou a direção em comunicado publicado nas redes sociais.

Virgilio estava preso há 1 ano e quatro meses. Ele foi capturado em

sua casa, em agosto de 2024, acusado de terrorismo e incitação ao ódio, como parte das prisões que ocorreram após o anúncio do resultado das eleições presidenciais de julho daquele ano.

Devido à prisão, Virgilio não pôde comparecer em sua formatura de especialização como médico-cirurgião. Segundo o portal de notícias Correo del Caroní, os colegas de turma da Universidade de Oriente colocaram fotografias do jovem durante a cerimônia, enquanto seus pais também compareceram para a entrega do diploma.

Após a soltura, a ONG Realidad Helicoide afirmou que as libertações “não são um favor”. “São uma

obrigação do Estado diante de crimes que nunca deveriam ter acontecido”, escreveu.

O Foro Penal, grupo local de direitos humanos, estima que 810 pessoas permanecem presas. Destes, 87 seriam presos políticos de outras nacionalidades, de acordo com Gonzalo Himiob, vice-presidente da organização. Em publicação nas redes sociais, ele incentivou que os ministérios das relações exteriores de cada país exijam a libertação imediata de seus nacionais.

Solturas

A Venezuela começou as libertações com prisioneiros espanhóis, da ativista Rocío San Miguel e de um ex-candidato à presidência. Além

da ativista, os outros foram identificados como Andrés Martínez Adasme, José María Basoa, Miguel Moreno e Ernesto Gorbe.

As autoridades liberaram ainda Enrique Márquez, ex-candidato à presidência e ex-reitor do Conselho Nacional Eleitoral. O homem havia sido detido em 7 de janeiro de 2025, após pedir publicamente que fossem divulgados registros da votação da eleição presidencial venezuelana de julho de 2024.

Ex-deputado e jornalista Biagio Pilieri também foi solto. O homem é líder da oposição e ficou cerca de 16 meses em prisão preventiva. Ele havia sido preso durante um processo eleitoral em Caracas em agosto

de 2024, informou o New York Times, a partir do relato do Sindicato Nacional da Imprensa Venezuelana.

Italiano também foi solto. Luigi Gasperin, empresário de 77 anos, estava preso desde 7 de agosto de 2025. Ele era acusado de posse, transporte e uso de materiais explosivos nas instalações de uma empresa da qual era acionista majoritário e presidente, segundo a agência ANSA.

Última libertação havia sido na madrugada de sexta-feira. Trata-se de Larry Osorio Chía, da organização FundaRedes, que estava preso desde agosto de 2021. Em uma publicação, a instituição afirma que aguarda pela libertação do diretor Javier Tarazona, também em cárcere.